



**10º Encontro Internacional de Política Social**  
**17º Encontro Nacional de Política Social**  
**Tema: Democracia, participação popular e novas resistências**  
Vitória (ES, Brasil), 27 a 29 de agosto de 2024

---

Eixo: Mundo do trabalho

**Juventude “Nem-Nem”: ocultação da superexploração da força de trabalho**

**Mônica Paulino de Lanes<sup>1</sup>**

**Resumo:** O artigo analisa a atual crise do capital, como ela se materializa no capitalismo dependente brasileiro e os impactos para a juventude da classe trabalhadora no país. Tomando como principais mediações a categoria superexploração da força de trabalho e a utilização da terminologia “Nem-Nem” para designar a juventude que não estuda e não trabalha, no período pós pandemia do Covid-19. Realizamos revisão de literatura e utilizamos dados atuais recentes sobre trabalho e emprego. Os resultados reforçam a tendência de superexploração da força de trabalho juvenil com seu agravamento após o período pandêmico, submetendo a juventude trabalhadora a condições de trabalho extremamente precárias, fato que fica ocultado através do uso do termo ideológico “Nem-Nem”.

**Palavras-chave:** Capitalismo Dependente; Superexploração da Força de Trabalho; Pandemia; Juventude; Juventude “Nem-Nem”.

**“Nem-Nem” Youth: hiding the overexploitation of the workforce**

**Abstract:** The article analyses the current crisis of the capital, how it materializes in Brazilian dependent capitalism and the impacts on the working class youth in the country. Taking as its main mediations the category of overexploitation of the workforce and the use of the terminology “Nem-Nem” to designate youth who do not study or work, in the period after the Covid-19 pandemic. We reviewed the literature and used recent current data on work and employment. The results reinforce the trend towards the overexploitation of the youth workforce, with its worsening after the pandemics, subjecting young workers to extremely precarious working conditions, a fact that is hidden through the use of the ideological term “Nem-Nem”.

**Keywords:** Dependent Capitalism; Overexploitation of the Labor Force; Pandemic; Youth; “Nem-Nem” Youth.

**1. Introdução**

Historicamente a juventude é o segmento da classe trabalhadora que tem a maior taxa de desemprego; os mais baixos salários; maior rotatividade no trabalho; e as condições de trabalho mais precarizadas, seja em períodos de estabilidade ou de crises do capital. Não sem razão Marx (2013) identificou esse segmento como pertencente ao exército industrial de reserva, especificamente da população flutuante – aquele grupo de trabalhadores que ora está empregado, ora desempregado – expressando, assim, que a juventude tem um papel no processo de acumulação capitalista.

No Brasil essa realidade apresenta similaridades, porém, em razão das

---

<sup>1</sup> Doutora em Serviço Social. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES. E-mail: monicapaulinodelanes@gmail.com

particularidades do capitalismo dependente, em condições muito pioradas, como veremos abaixo. O desemprego, os baixos salários, a informalidade e a precarização são traços marcantes e recorrentes das condições da juventude que vive do trabalho. Algumas pesquisas recentes têm apontado que tanto no período da pandemia, quanto pós pandemia essa situação se agravou. E algumas delas que houve um crescimento do percentual de jovens entre 18 e 24 anos que não estudam e não trabalham, que costuma ser chamado de a geração da juventude “Nem-Nem”.

Nossa hipótese é de que essa terminologia responsabiliza a juventude<sup>2</sup> trabalhadora e oculta a superexploração da força de trabalho de jovens, bem como o racismo e o sexismo. Assim, o artigo se propõe a fazer aproximações acerca dessa hipótese analisando a atual crise do capital, como ela se materializa no capitalismo dependente brasileiro, e em especial os impactos para a juventude da classe trabalhadora. Tomaremos como principais mediações a categoria superexploração da força de trabalho (em Marini) no período pós-pandemia do Covid-19 (entendida aqui como parte da crise do capital) e o uso da utilização da terminologia “Nem-Nem”.

Os procedimentos metodológicos adotados foram a revisão de literatura pertinente ao tema e dados estáticos sobre trabalho e emprego sobre a juventude brasileira no período de 2020 a 2024 presentes na Síntese de Indicadores do IBGE do período mencionado e do Diagnóstico do Ministério do Trabalho “Empregabilidade de jovens no Brasil”. O trabalho está dividido em duas seções: na primeira, analisaremos a crise capitalista contemporânea e como ela se materializa no capitalismo dependente brasileiro na atualidade e os impactos no mundo do trabalho, partindo das análises da Teoria Marxista da Dependência (TMD)<sup>3</sup>. E na segunda seção abordaremos sobre a superexploração da força de trabalho da juventude no Brasil pós-pandemia e o uso da

---

<sup>2</sup> Adotamos juventude como categoria que é construída social e historicamente, que não é homogênea. Apesar de alguns pesquisadores se referirem a juventudes e não juventude, fizemos a opção teórica e política por utilizarmos apenas a palavra no singular, pois esse estudo tem por objetivo tratar não de uma juventude genérica e abstrata, mas de uma juventude real e concreta: a juventude da classe trabalhadora. O que não significa que a tomamos como única e uniforme, ao contrário, há diversidade dentro do segmento juvenil da classe trabalhadora, inclusive pelo crescente processo de heterogeneização da classe trabalhadora contemporânea. Assim, está contido no termo juventude utilizado aqui a compreensão dessa diversidade (gênero, étnico-racial, ocupação espacial das cidades, renda e outros) e historicidade.

<sup>3</sup> Para a TMD, há um movimento do capital que é regido por leis gerais e outro particular que, sem negar as leis gerais, apresenta leis específicas que redefinem o modo de expressão dessas leis gerais, condicionando o processo de reprodução do capital. A TMD elabora novos conceitos que, embora subsumidos às categorias de Marx, aos pressupostos das leis gerais, estão associados ao funcionamento do capitalismo dependente, buscando capturá-las no real (Carcanholo, 2017).

terminologia “Nem-Nem” como recurso ideológico.

## **1- Crise do capital no Brasil: a produção e reprodução da dependência e as transformações no mundo do trabalho.**

Partimos do entendimento de Marini (2011) de que a dependência expressa uma situação em que a economia dependente se encontra subordinada às economias centrais<sup>4</sup>, de modo que essas últimas podem expandir de forma autossustentada. Já às economias dependentes só restaria o reflexo dessa expansão, sendo restringida pela condição dependente. Uma das principais características da economia dependente é que uma parte do valor produzido em seu interior não é apropriado nela (pelos capitalistas dessas economias), mas nas economias centrais, por meio do que o autor chamou de transferência de valor<sup>5</sup> (Marini, 2011). Ou seja, uma parte significativa da mais-valia expropriada dos trabalhadores brasileiros não é apropriada pela burguesia nacional, mas pelas burguesias internacionais. Para compensar a mais-valia produzida nas economias dependentes e transferidas às economias centrais o capitalista lança mão de uma maior exploração da força de trabalho, seja através do aumento de sua intensidade, da prolongação da jornada de trabalho, ou combinando os dois procedimentos (Marini, 2011, p. 146). Essa maior exploração da força de trabalho é a categoria superexploração da força de trabalho, que é apresentada por Marini como sendo característica estrutural demarcadora da condição dependente das economias periféricas. Assim, a tendência no capitalismo dependente será a de explorar ao máximo a força de trabalho, sem se preocupar em criar condições para sua reposição<sup>6</sup>, sempre contando com a possibilidade de substituição de novos braços no processo produtivo.

Essas duas categorias – transferências de valor e superexploração da força de

---

<sup>4</sup> Como afirma André Gunder Frank (1967), trata-se do desenvolvimento do subdesenvolvimento, expressando, assim, que o subdesenvolvimento não é um erro, ou falta de desenvolvimento, mas é parte de um projeto, do próprio processo de produção e desenvolvimento capitalista.

<sup>5</sup> A transferência de valor se relaciona diretamente com os níveis de produtividade do trabalho. Não poderemos aprofundar o debate e apresentar os níveis de abstração que Marini aborda a categoria, mas é necessário dizer que como a economia dependente costuma ter composição orgânica do capital mais baixa, ela tende a produzir mais-valor do que consegue se apropriar, transferindo parte desse mais-valor para os capitalistas das economias centrais através da diferença de produtividade do trabalho no comércio mundial.

<sup>6</sup> Dentro da perspectiva marxiana as relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho pressupõem também as condições para reposição dela. Por essa razão, Marx (2013), no capítulo XXIII faz uma comparação da venda da força de trabalho com o mito de Prometeu.

trabalho – são essenciais no pensamento de Marini, especialmente em sua relação dialética, para entendermos a realidade latino-americana. A TMD, tal como as teorias do imperialismo (que Marini faz a leitura a partir de Lênin), identifica o sistema capitalista como uma ordem hierárquica em que a minoria dos países – as economias centrais – condiciona e subordina as demais economias.

O entendimento da estrutura do capitalismo brasileiro é fundamental para a análise da crise<sup>7</sup> recente do capital e dos impactos para o mundo do trabalho. Concordamos com Herrera (2015) quando afirma que o momento histórico que atravessamos é compreendido como o de uma crise financeira que contamina a economia, mas que na verdade essa é uma crise do capital em sua totalidade. Uma crise que ultrapassa todas as crises internacionais do passado, que é mundializada, global e sistêmica, o que significa dizer não trará, para nós, soluções internas à sua dinâmica contraditória. Uma crise que se move pela natureza contraditória própria do desenvolvimento capitalista que ao potencializar seu processo de produção ampliada, reproduz os fatores que amplificam suas contradições e acionam as crises. Importante registrar que nas últimas décadas as crises têm tido cada vez maior duração e por períodos menos espaçados, alterando os períodos de crescimento, auge, crise, recessão/depressão e retomada. Há, assim, uma potencialização na contradição central do capital (a produção social e a apropriação privada) que pode ser facilmente identificada ao analisarmos a alta concentração de renda nos últimos períodos (Braz, 2016).

Dentre os desdobramentos das crises capitalistas está o aumento do exército industrial de reserva e da massa de capitais excedentes que encontra dificuldade para se valorizar (a superacumulação), o que tem tornado o metabolismo social do capital ainda mais ávido na busca de novos espaços de acumulação e de valorização do valor (Braz, 2016). Para Mézáros (2009), a crise atual, além dos fatores macroestruturais, tem duas características que expressam a dinâmica do capitalismo contemporâneo: de um lado ela acentua o caráter destrutivo da produção capitalista, com tendências a criar obstáculos à

---

<sup>7</sup> Importante registrar que crise não é uma especificidade do capitalismo, a sua particularidade reside no fato de que na crise capitalista não há insuficiência na produção de bens, não há carências de valores de uso, mas os valores de uso, tornados mercadorias, não encontram escoamento (não há realização da mais-valia) e quando isso ocorre a tendência é de que os capitalistas travem a produção. Nesse sentido, a crise é a expressão do caráter contraditório da acumulação capitalista – os interesses de cada capitalista se chocam com os interesses do conjunto dos capitalistas em busca, todos eles, da maximização de seus lucros.

própria reprodução da vida social; por outro lado, explicita-se o fato de esgotaram-se os mecanismos estruturais de autorregulação do capitalismo, uma vez que o caráter permanente da crise sobressai em detrimento de sua forma cíclica de se expressar que prevaleceu a década de 1970. Ou seja, estamos não só diante de uma crise permanente do sistema capitalista, mas também diante da incapacidade de criar mecanismos que forneçam condições de estimular períodos mais duradouros de expansão.

Importante relembrar que a crise contemporânea do capital não abandonou ou negou as estratégias que ajudaram a enfrentar a crise anterior (anos 1960/1970) – quais sejam: a reestruturação produtiva, a ideologia neoliberal, a financeirização do capital, com a extraordinária ampliação do capital fictício<sup>8</sup> (Carcanholo, 2011). Ao contrário, a crise atual avança e aprofunda essas estratégias. Contudo, apesar de ser um desdobramento dessa, a crise atual (mundializada, global e sistêmica) tem particularidades, configurando-se em uma crise de superprodução de capital com elevada participação do capital fictício (Herrera, 2015).

Uma das consequências das crises recentes é a desvalorização do capital (superacumulado na fase anterior), que pode acontecer pela destruição ou pela ociosidade de uma parte desse capital, implicando em quebra de grande parte das instituições financeiras. Entretanto, tais resultados não fazem parte das possibilidades no capitalismo contemporâneo, que se utiliza de três elementos principais: 1) aumentar a taxa de mais-valia para adequar o mais-valor ao montante de títulos desse período, uma vez que uma das características do capital fictício é a apropriação do mais-valor ainda não produzido; 2) ampliar a reforma do Estado gerando novos espaços para a valorização do capital; 3) fornecimento de liquidez – monetização – dando estabilidade aos mercados financeiros via destinação de parte do orçamento do Estado, que pode ocorrer pela redução dos gastos públicos e/ou do lançamento de títulos públicos adicionais no mercado, elevando a dívida pública (Carcanholo, 2011).

Assim, o capitalismo contemporâneo, sob a estratégia neoliberal, aprofunda

---

<sup>8</sup> O capital fictício é um desdobramento do capital comércio de dinheiro em capital a juros, esse processo é parte da autonomização das formas funcionais do capital. Como lembram Carcanholo; Sabadini (2015), ele nasce como consequência da generalização do capital a juros, porém, é resultado de uma ilusão social, já que por detrás dele não existe substância real. Contudo, é um equívoco defini-lo apenas como não-real. Ele é e não é real ao mesmo tempo. Do ponto de vista individual é capital real, do ponto de vista da totalidade, do capital global, é capital fictício.

a dependência justamente por amplificar a articulação dialética dos condicionantes estruturais e conjunturais das economias dependentes. Estruturalmente, os mecanismos de transferência de valor dessas economias são acentuados para reverter os problemas de valorização das economias centrais. Conjunturalmente, as economias dependentes, frente ao crescimento da economia mundial e do ciclo de crédito internacional, respondem de forma mais intensa e rápida aos ciclos da economia mundial. Nesse processo, três aspectos se destacam: transnacionalização, desindustrialização e reprimarização das economias dependentes.

Reforçando esses dados Antunes (2018) afirma que se o traço distintivo da economia brasileira até os anos 1980 era a forte expansão industrial, nas últimas décadas o setor terciário vem registrando aumento. Entre 1980 e 2008, esse setor cresceu 30.6%, respondendo a dois terços da renda nacional. Já os setores primário e secundário tiveram reduções, 44.9% e 27.7%, respectivamente. Essa significativa ampliação dos serviços que reconfigurou a classe trabalhadora no Brasil. Para o autor há uma nova morfologia do trabalho que é resultado das transformações que atingiram o capitalismo nos últimos anos, apresentando um desenho multifacetado, que compreende desde o operariado industrial e rural clássicos até os assalariados de serviços, terceirizados, subcontratados e temporários; que evidenciam a ampliação dos trabalhadores, especialmente, trabalhadoras de *telemarketing* e *call center* e do *fast food*, dos jovens trabalhadores dos hipermercados e *motoboys*, dentre outros. Ele destaca nesta nova morfologia do trabalho a existência de alguns elementos marcantes. O primeiro deles é a precarização do trabalho: que é uma marca das relações e condições de trabalho na atualidade.

Existem formas diferenciadas de precarização que articulam em uma mesma cadeia produtiva desde a terceirização (ou quarteirização) até o trabalho realizado nas corporações que é intensificado ao limite. Dentre as diversas consequências desse processo estão o adoecimento (físico e mental) e os acidentes de trabalho, bem como a desobrigação das empresas de cumprirem as exigências legais trabalhistas. Um fator extremamente importante é que a precarização em qualquer uma de suas expressões é que ela acaba mascarando os dados oficiais sobre emprego.

A Reforma Trabalhista aprovada em 2017 aprofundou significativamente a precarização do trabalho, alterando mais 100 pontos da CLT. Em 2019 o governo Bolsonaro aprova a Reforma da Previdência tornando ainda mais precário as condições de trabalho. As duas reformas são expressões concretas da dependência, uma vez que

atentam tanto ao fundo de vida quanto ao fundo de consumo da classe trabalhadora. Em ambas o capital “[...] ou se apropria do fundo de consumo do trabalhador, deslocando-o para o fundo de acumulação; ou arrebatando anos futuros do trabalhador, apropriando-se de seu fundo de vida, o qual também é violado para alimentar a sanha da acumulação [...]” (Luce, 2018, p. 178).

Outro elemento relevante dessa nova morfologia do trabalho está na crescente introdução de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) ou da *plataformização* ou ainda da *uberização* do trabalho. Essa introdução não é exatamente uma novidade já foi apontada e analisada por Marx, em especial no capítulo XXIII de O Capital, mas o que observamos já a partir do início do capital monopolista é uma crescente e profunda ampliação do trabalho morto na produção das mercadorias. Entretanto, isso não significa que o trabalho não é mais importante, ou que a teoria do valor trabalho não é mais explicativa para a realidade, mas o contrário (Antunes, 2018). Além disso, como bem destaca Huws (2017), se nas economias de capitalismo central há um avanço da produção de mercadorias imateriais ou serviços, isto se dá porque há nas economias de capitalismo dependente manutenção e intensificação da produção de mercadorias materiais e em condições cada vez mais precárias.

Há ainda uma conexão estreita entre essas plataformas digitais e os conglomerados financeiros, seja por meio dos intensos investimentos desses grandes conglomerados, seja por meio dos acordos com as operadoras de cartão de crédito, e em alguma medida empresas e montadoras de alugueis de automóveis<sup>9</sup>, através da triangulação da comunicação entre uma plataforma de busca, a tecnologia móvel de cartão de crédito, e o localizador (Fontes, 2017). Um traço relevante dessa *plataformização* do trabalho é que ela reforça a transferência de valor, e por sua vez a dependência, por meio de remessa de lucro, *royalties* e dividendos, nesse caso específico, o pagamento de *royalties* ou assistência técnica, expressando a dependência das economias periféricas dos meios de produção (não só equipamentos e maquinarias, mas também, nesse caso, de *software* e tecnologias).

Podemos afirmar, assim, que o quadro da crise estrutural, sistêmica e mundial

---

<sup>9</sup> Uma parte significativa dos trabalhadores motoristas do aplicativo Uber e similares não possuem o veículo, sendo necessário o aluguel dos automóveis para que ele possa trabalhar. Em casos de aplicativos de entregas diversos é muito comum também o uso de bicicletas “compartilhadas” – alugadas – por meio de aplicativos.

do capital antes da pandemia do Covid-19, em especial a partir de 2007/2008 há um aprofundamento da dependência reforçando a acentuada transferência de valor; inserção passiva e subalterna na divisão internacional do trabalho; alta concentração de renda e desigualdade social; o rebaixamento do estatuto do trabalhador; e a apropriação do público pelo grande capital. Tendo como resultado a ampliação da tendência de aumento da superexploração da força de trabalho nas economias dependentes.

Importante ressaltar que a crise mais recente do capital recoloca no cenário da sociabilidade burguesa os elementos da decadência ideológica quando o irracionalismo assume novos contornos em todo o mundo, quando podemos observar uma escalada do neoconservadorismo<sup>10</sup> e do neofascismo<sup>11</sup>. Não aprofundaremos esse debate aqui, mas é preciso demarcar que entender o quadro descrito acima é impossível descolocado do aprofundamento do irracionalismo, uma vez que era (e é) necessário uma contraforça reacionária para tentar deter o espraiamento das lutas de resistência da classe trabalhadora.

## **2- Pandemia, superexploração da força de trabalho e juventude: por quê a recusa da terminologia “Nem-Nem”?**

É neste cenário de crise estrutural do capital e de avanço do neoconservadorismo e neofascismo que Jair Messias Bolsonaro é eleito em 2018 e que a pandemia mundial do Covid-19 alcança o Brasil. O fato de que a primeira morte no país tenha sido de uma mulher negra, empregada doméstica, que se contaminou em seu local de trabalho explicita não só a divisão sociossexual e racial do trabalho, mas também o fogo cruzado que se encontrou a classe trabalhadora: manter o isolamento físico para não se contaminar com o vírus e não espalhar a contaminação ou manter os meios de sobrevivência, que em sua grande maioria é de desempregados, ou de empregados

---

<sup>10</sup> A escalada do neoconservadorismo no mundo pode ser confirmada, também, através da eleição de Viktor Orban na Hungria em 2010; Donald Trump em 2016 nos EUA; de Bolsonaro no Brasil em 2018; de Boris Johnson na Inglaterra em 2019; e mais recentemente de Giorgia Meloni na Itália (2022), e a quase vitória de Le Pen na França também em 2022. Bem como através da invasão do Capitólio, nos EUA, em 06/01/2021; e na invasão da Esplanada dos Ministérios no Brasil em 08/01/2023.

<sup>11</sup> O uso do termo é controverso, por isso vale destacar que concordamos com pesquisadores que afirmam que com o Governo Bolsonaro parece que estivemos diante de um simulacro do fascismo, sendo que este pode ser entendido como o movimento ou regime que resulta da crise do capital entre as duas guerras mundiais, que pode ser caracterizado como uma ditadura aberta da burguesia exercida sem a mediação das instituições da democracia parlamentar. Assim, mesmo que não tenhamos vivenciado o fascismo em sua forma original, não elimina o fato de que estejamos sentindo na carne as consequências desse simulacro do fascismo.



terceirizados ou precarizados sem garantias mínimas não só de renda, mas também de condições de trabalho. O fogo cruzado que se colocou então era em escolher qual a forma de morrer. Não sem razão os trabalhadores de aplicativo realizaram mobilização em meio à pandemia (julho de 2020), que ficou conhecida como “Breque dos entregadores” ou “Breque dos Apps”.

Nosso objetivo aqui não é tratar sobre a pandemia do Covid-19 em si, mas dos impactos dela para o mundo do trabalho, em particular para a juventude trabalhadora, compreendendo a pandemia como parte e desdobramento da crise do capital. Mas é importante dizer o avanço do neoconservadorismo e neofascismo no Brasil impactou profundamente o enfrentamento à Covid-19 no país, o irracionalismo apareceu como justificativa ideológica (irracional) para as escolhas políticas e econômicas do projeto genocida de defesa dos interesses do capital: a demora na produção de vacinas, as campanhas antivacinas, a pressão social para que as atividades mercantis presenciais fossem retomadas desconsiderando as condições sanitárias, as campanhas contra o uso de máscaras e várias outras desinformações culminaram na morte de mais 700.000 de pessoas<sup>12</sup>.

O principal impacto da pandemia para a juventude trabalhadora não foi só a exposição e morte em razão do Covid-19<sup>13</sup>, mas, sobretudo nas condições de sobrevivência, trabalho e educação. Como já apontamos acima pesquisas recentes têm indicado que o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de jovens que não estudam e nem trabalham, os chamados “Nem-Nem”, terminologia ideológica que oculta a superexploração da força de trabalho juvenil brasileira, bem como o racismo e sexismo.

Primeiramente é preciso sinalizar por qual razão afirmamos que há superexploração da força de trabalho na juventude da classe trabalhadora brasileira. Nosso ponto de partida está no entendimento de que a reprodução da classe trabalhadora pressupõe também as condições para que a classe possa se “multiplicar e substituir os trabalhadores usados por novos” (Marx, 2010), que no caso das sociedades de economia dependente isso tende a ocorrer de modo mais acelerado, considerando o rápido desgaste em que o trabalhador superexplorado é obrigado a se submeter, o que significa uma

---

<sup>12</sup> Fonte: Coronavírus Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Consulta realizada as 11:12h do dia 30 de maio de 2024.

<sup>13</sup> Em alguns momentos da pandemia do Covid-19 foi uma das principais razões de morte de jovens e adolescentes.

tendência de inserção cada vez mais cedo do jovem no mundo do trabalho nas economias dependentes. Aliado a esse aspecto, Osorio (2018) aponta que a fórmula encontrada pelos trabalhadores para assegurar a sobrevivência tem sido a crescente conformação de que nas mesmas residências passam a conviver duas ou três gerações de trabalhadores, permitindo a composição de um salário familiar, que potencializa a precariedade e a superexploração da força de trabalho (Lanes, 2019).

Outro aspecto está no debate sobre o trabalhador coletivo apresentado por Marx (1978), sem a intenção de propor uma generalização absoluta do que é o trabalhador coletivo, levantamos a possibilidade de que o jovem trabalhador, numa realidade de extrema complexificação do processo de trabalho<sup>14</sup>, como partícipe do trabalho coletivo, mesmo quando não submetido diretamente a uma situação de superexploração da força de trabalho, contribuiria para que outro trabalhador (jovem ou não) esteja submetido à situação de superexploração da força de trabalho. Um exemplo dessa situação pode estar na análise da definição do preço da força de trabalho abaixo de seu valor como um dos mecanismos da superexploração da força de trabalho e sua relação com o exército industrial de reserva. Tal processo pode ser percebido como uma forma de superexplorar a força de trabalho juvenil, mas também, como forma de impulsionar o pagamento da força de trabalho abaixo de seu valor para os demais trabalhadores, tendo em vista que os jovens compõem parte significativa do exército industrial de reserva (Lanes, 2019).

Importante destacar ainda que por mais que os jovens da classe trabalhadora inseridos nas economias centrais sofram as duras consequências da exploração, que foi amplamente intensificada nas últimas décadas, há uma peculiaridade extremamente relevante para os jovens trabalhadores brasileiros: a relação dialética entre as transferências de valor das economias dependentes para às economias centrais e a superexploração da força de trabalho (Lanes, 2019).

Partimos, assim, do entendimento de que há uma tendência de superexploração da força de trabalho da juventude brasileira. O cenário antes da pandemia já era extremamente complexo e precário. De acordo com dados do DIEESE de 2017 o rendimento médio real por faixa etária, sexo e cor/raça comparando o quarto

---

<sup>14</sup> Por exemplo, uma atividade estritamente comercial pode, e normalmente costuma, estar associada a outras atividades como estocagem, transporte, embalagem, fracionamento, expedição de produtos e outros. Além disso precisamos considerar a ampliação exponencial do setor de serviços (incluindo as TICs) como principal setor de ocupação de trabalho, em particular para a juventude.

trimestre de 2016, os rendimentos mais elevados eram de homens não negros com 60 anos ou mais (R\$ 3.600,00) e os rendimentos mais baixos eram das jovens negras de 14 a 17 anos (R\$ 472,00). As taxas de desocupação em 2017, de acordo o IBGE, alcançou a marca de 22,6%. De acordo com os dados, esse era o segmento populacional com as maiores taxas de desocupação em relação aos demais grupos etários, e, se comparado ao grupo etário por sexo identificamos que as jovens mulheres são as mais afetadas, com 26,3% da taxa de desocupação (Lanes, 2019). Neste período os jovens já eram o principal segmento de trabalhadores *plataformizados/uberizados*.

Em 2019 o Governo Federal (Jair Bolsonaro) apresentou uma proposta intitulada “carteira de trabalho verde e amarela” (MP 905/2019) com o suposto objetivo de incentivar o emprego de jovens, por meio da desoneração da folha de pagamento. Entretanto, a proposta significaria de fato criar uma modalidade de contratação que previa apenas os direitos constitucionais (férias, 13º salário e FGTS). A proposta não avançou naquele período, apesar de algumas tentativas. Em dezembro de 2023 a proposta foi resgatada por uma deputada do partido Novo de São Paulo.

Durante e após o período da pandemia o cenário se agravou significativamente:

- Em 2021 o número de jovens que não estudavam e não trabalhavam foi de 12,7 milhões, ocupando o terceiro maior índice de jovens adultos nesta condição entre os países membros do OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Deste montante 41,9% eram de mulheres pretas ou pardas e 24,3% eram homens pretos ou pardos e 20,5% de homens pretos ou pardos e apenas 12,5% eram de jovens homens brancos<sup>15</sup>;
- O índice de ocupação, em 2021, subiu de 51% (em 2020) para 52,1%, mas abaixo de 2019 (56,4%). Importante ressaltar aqui que em razão do avanço da precarização e da terceirização os dados podem não refletir com muito exatidão a realidade;
- Já a desocupação recuou de 24,1% (2020) para 23,9% (2021), mas ainda sim continua a mais elevada em comparação a outros segmentos etários;
- Em 2023, 5,2 milhões de jovens estavam desempregados, correspondendo a 55% das

---

<sup>15</sup> Dados da Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE de 2022, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35686-em-2021-pais-tinha-12-7-milhoes-de-jovens-que-nao-estudavam-nem-estavam-ocupados>

peças desempregadas no país. Dentre eles 52% eram jovens mulheres e 66% eram pretos e pardos<sup>16</sup>;

- Aqueles que não estudavam e não trabalhavam somavam mais de 7,1 milhões, sendo 60% mulheres e atividades de cuidado, e 68% eram pretos e pardos;

- Dos jovens ocupados (2,2 milhões) o ponto em comum foi a informalidade: 51% das mulheres e 56% dos pretos e pardos. Das 15 ocupações mais frequentes, envolvendo 1,3 milhão de jovens estão: vendedores por telefone, vendedores, operários da construção, condutores de motocicletas, cuidadores de animais e ajudantes de cozinha;

- Em 2024 a OCDE divulgou relatório apontando que o Brasil ocupa o segundo lugar, do total de 37, em número de jovens entre 18 e 24 anos não estudam e não trabalham, caindo uma colocação em relação à 2021.

Considerando as informações e debates apresentados no primeiro item que reforçam os elementos estruturais e conjunturais da dependência no capitalismo brasileiro, em especial com a atual crise do capital, incluindo sua face pandêmica; bem como os dados explicitados acima sobre a realidade da juventude trabalhadora no Brasil podemos afirmar que a tendência à superexploração da força de trabalho juvenil, feitos apontamentos anteriores, segue sem alterações. Logo, o quantitativo de jovens, que em sua grande maioria é de jovens mulheres, desempregadas e sem acesso à educação é um dado não só conjuntural, mas estrutural. Ou seja, é um traço do modo de reprodução do capital no Brasil. Ter jovens mulheres negras desempregadas e sem acesso à educação contribui para o processo de acumulação do capital em nosso país, mesmo que parte do valor acumulado não permaneça nas terras brasileiras. Fato que evidencia não só a superexploração da força de trabalho juvenil, mas também a estrutura racista e sexista do capitalismo brasileiro. Não é casual que os corpos mais afetados sejam de mulheres negras.

E o que nos leva a afirmar que a terminologia “Nem-Nem” para se referir à juventude superexplorada da classe trabalhadora é um recurso ideológico? Se entendemos ideologia como uma categoria que não trata apenas de uma interpretação do real, e sim, do processo em que a classe dominante utiliza de mecanismos para ocultar,

---

<sup>16</sup> Dados do Diagnóstico do Ministério do Trabalho “Empregabilidade de jovens no Brasil”. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35686-em-2021-pais-tinha-12-7-milhoes-de-jovens-que-nao-estudavam-nem-estavam-ocupados>.

naturalizar, inverter, justificar o real a seu favor (o que não elimina das formas ideológicas a possibilidade de existir uma dimensão do real) e apresentar como interesse universal os interesses particulares, razão que fez Marx e Engels (2009) afirmarem que as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, podemos entender que não há interesse da classe dominante, em especial das burguesias internacionais em explicitar a real condição da juventude das economias dependentes, em particular sendo ela mulher e negra.

É preciso ocultar, naturalizar, inverter (responsabilizando a juventude por suas própria exploração e opressão) e justificar (seja por fatores conjunturais do “mercado” de trabalho, da política da educação, do desinteresse de jovens em estudar e/ou trabalhar, dentre outros) a real condição da juventude brasileira, para que assim seja possível manter tudo como exatamente está. Considerando os tempos atuais de decadência ideológica e irracionalismo, precisamos recuperar Lukács (2010) quando aponta que o irracionalismo não se limita a ser uma expressão filosófica da barbárie, mas que a promove diretamente, apelando sempre aos piores instintos humanos. Nestes tempos, a falsificação da realidade avança, e em franco diálogo com os preceitos neoliberais que normalizam o neoconservadorismo e a ascensão da extrema-direita no mundo revestida de democracia burguesa, não só ignorando, mas promovendo e ocultando as consequências da política econômica que produz e reproduz a precarização do trabalho e a superexploração da força de trabalho, com objetivo de assegurar a manutenção da reprodução do capital a qualquer custo.

### **3- Considerações finais**

As aproximações feitas até o momento sinalizam que permanece a tendência à superexploração da força de trabalho da juventude da classe trabalhadora brasileira em tempos de crise do capital, incluindo sua face pandêmica. E ainda que os corpos mais afetados são os das jovens mulheres negras. Do mesmo, entendemos que nossa hipótese, apresentada na Introdução, de que o uso a utilização da terminologia “Nem-Nem” para expressar a condição da juventude que não está inserida na educação e que está desempregada é um recurso ideológico se confirma, uma vez que ela oculta, naturaliza, inverte e justifica a real condição da juventude trabalhadora no Brasil, fazendo desaparecer os elementos da superexploração da força de trabalho juvenil, para atender aos interesses da classe dominante, em especial das burguesias internacionais.

Apesar de ser uma aproximação inicial e de algumas limitações, a pesquisa apresenta possibilidades para um debate fecundo que poderá ser aprofundando, contribuindo não só para pensar e transformar a realidade da juventude brasileira que vive do trabalho, mas, sobretudo, para pensar e transformar a realidade da classe trabalhadora brasileira. Mesmo que essa transformação seja provisória, uma vez que a dependência como elemento estrutural das economias dependentes só pode ser superada com a superação da sociedade que vive da exploração do trabalho.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAZ, Marcelo. **Para crítica da crise: diálogos com intelectuais e parlamentares da esquerda em Portugal**. Editora Prismas: Curitiba, 2016.

CARCANHOLO, Reinaldo; SABADINI, Maurício de S. Capital Fictício e Lucros Fictícios. In: GOMES, Helder. **Especulação e lucros Fictícios: Formas Parasitárias da acumulação contemporânea**. São Paulo: Outras expressões, 2015, p. 125-159.

CARCANHOLO, Marcelo. **Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx**. Madrid. Maia Ediciones, 2017.

\_\_\_\_\_. Conteúdo e forma da crise do atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. In: \_\_\_\_ **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v 01, nº 03. Ed. Especial – Dossiê: A crise atual do capitalismo. Dez. 2011.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. In: **Revista Marx e o Marxismo**, v. 05, nº 08, jan/jun, 2017, p. 45-67.

HERRERA, Rémy. O capital fictício no centro da crise. In: GOMES, Helder. **Especulação e lucros Fictícios: Formas Parasitárias da acumulação contemporânea**. São Paulo: Outras expressões, 2015, p. 7-12.

HUWS, Ursula. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. **Caderno CRH**. Salvador, Vol. 27, nº 70, jan-abr, 2014.

LANES, Mônica Paulino. **Capitalismo dependente e superexploração da força de trabalho da juventude da classe trabalhadora no Brasil**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

LUCE, Matias Saibel. **Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias – uma visão histórica**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LUKÁCS, Gyorgy. **Marx e o problema da decadência ideológica**. In: *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2011, p. 131-172.

\_\_\_\_\_. **La acumulación capitalista dependiente y la superexplotación del trabajo**. Cuadernos de CELA, Panamá, n. 02, 1984. Disponível em: [http://www.marini-escritos.unam.mx/043\\_acumulacion\\_superexplotacion.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/043_acumulacion_superexplotacion.html).

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: livro I. Vol.2**. Reginaldo Sant'Ana (Trad.). 26ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI (Inédito): resultados do processo imediato de produção**. FILHO, Eduardo Sucupira (Trad.). São Paulo: Editoria Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. **Trabalho assalariado e capital e salário, preço e lucro**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. PINA, Alvaro (Trad.). São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MÉSZÁROS, I. (2009) *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo.

OSORIO, Jaime. Sobre superexploração e capitalismo dependente. In: \_\_ **Caderno CHR**, Dossiê: A teoria Marxista da Dependência e os desafios do século XXI. Salvador, v. 31, n. 84, p. 483-500, Set/Dez, 2018.